



CCB

4 A 6 OUT 24

RE: ANTÍGONA **TEATRO PRAGA**

**CENTRO DE ARTES
PERFORMATIVAS E
PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Teatro

Pequeno Auditório

Sex, 20h / Sáb, 19h / Dom, 17h

M/16

Duração aprox. 1h30/1h40

Acessibilidade: Sessão de 6 de outubro com
interpretação em Língua Gestual Portuguesa



RE: ANTÍGONA

Um espetáculo **Teatro Praga**

Criação **André e. Teodósio, J. M. Vieira Mendes**

Com **André e. Teodósio, Inês Vaz, Maria João Vaz, Paula Diogo, Paulo Pascoal**

Cenografia **Tiago Alexandre**

Figurinos **Joana Barrios**

Desenho de luz **Joana Mário**

Música original **Miguel Lucas Mendes**

Produção executiva **Rita Pessoa**

Direção de produção **Teresa Miguel**

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Teatro Nacional São João**

Agradecimentos **Pedro Faro, Filipe Heath, Isabel Moreira, Joana Sousa,**
Centro Auto Alfragide, Fundação Calouste Gulbenkian

Foto de capa:

©Tiago Alexandre

Uma resposta sem pergunta

Antígona é uma heroína da modernidade, uma mártir que se entrega à morte, inflexível nas suas convicções e feroz na resistência contra o poder representado pelo rei Creonte, figura do patriarcado, que castiga os vivos com um exemplo de exclusão e intolerância... podíamos ir por aqui fora, enquadrando os sujeitos desta história com a ajuda de classificações que os leem com categorias generalistas, sejam elas políticas, sociais ou até psicológicas.

Num exercício idêntico, não seria difícil ilustrar com a narrativa tópicos como o confronto entre homem e mulher, velhice e juventude, sociedade e indivíduo, súbdito e soberano, lei divina e lei humana, religião e Estado, vida e morte, relações de poder e formas de sucessão, herança e traumas familiares, afetos e tecnologia... *Antígona*, o texto de Sófocles, é sobre isto e muito mais, diz-se. Antígona, a figura imortalizada e repetida ao longo da história das artes, é «sobre». E assim foi protagonista de peças de teatro dramático, de Kleist a Anouilh, de Cocteau a Júlio Dantas ou António Pedro, bem como inspiração artística e filosófica (Heidegger, Steiner, Lacan, Butler, Žižek, Kilomba, Honegger, etc.). Carregada de metáforas e categorias, Antígona tem sido massacrada por conceitos portadores de ideias de «bem», «justiça», «emancipação», «utopia» ou «desejo».

Antígona morreu, condenada por um homem com poder. Está morta mortífera *mortis*. E, no entanto, é essa morte que lhe garante vida, reanimações sucessivas em espetáculos, textos e obras de arte que a ressuscitam uma e outra vez. A sua morte está sempre sujeita à vida de uma causa, faz parte da sua morte a vida de uma interpretação ou de uma leitura que a voltam a matar. Antígona não tem direito ao quotidiano e às contradições, não tem direito à impossibilidade, à incompletude, não tem direito à ignorância e ao nada e à morte insignificante.

No nosso espetáculo, quisemos garantir-lhe um funeral honesto. Para os mais clássicos, conservamos assim a relação com a tragédia e as togas e as sandálias. E, já agora, se a tragédia grega era um espetáculo musical, este espetáculo é um musical que volta ao passado de Antígona como volta ao passado do Teatro Praga e das suas formas de produção, mas com menos vontade ainda de ser importante. É mais para irritar e para dizer que não temos de estar todas vestidas da mesma maneira.

Optámos por matar Antígona na sua ausência, tornando conspícuos os mecanismos, ideias e preconceitos com que é lida e identificada e que funcionam como um *autocorrect* de teclado digital. Por exemplo: para que Antígona exista é preciso que ela seja *sobre* alguma coisa. Para que Antígona exista é preciso que ela nos transmita uma mensagem. Para que Antígona exista é preciso que ela esteja do lado do bem. Para que Antígona exista ela tem de ter *uma* identidade. Em *RE: Antígona*, reage-se à alegoria ou à captura da figura de Antígona para proveito das atualizações, mas também se responde a uma arte das «mensagens» e do «sobre», pedindo um tempinho para estar sem ser. Esta é a arte que não procura produzir nada, mas que marca presença, satura e desconcerta, sempre para irritar. É o espetáculo em que as mensageiras não trazem mensagens, apenas desilusão e morte.

Um funeral de uma obra de arte só é possível quando todas as que estão presentes no velório estiverem mortas. E é por isso que informamos quem está presente na sala de que está morto. Para que a morte morra, têm de morrer as leitoras, os espectadores e as intérpretes que ressuscitam Antígona para a matar. O que não deverá ser grande novidade. Espectador é uma entidade que sabe o que vai ver e que por isso já é antes de ser. Nesse sentido, é como a pescada, que antes de ser já o era, que antes de morrer já tem a morte em si. Por isso, nada temam, o máximo que vos pode acontecer é irritarem-se.

Quando matamos o espectador morto, estamos também a querer abrir a porta ao reconhecimento da morte na vida, a um estar aqui sem saber estar. Tal como ao expor o que logo de seguida recusamos, desmontamos ou expandimos, estamos a querer abrir a possibilidade de viver e morrer para lá de uma existência capturada e generalista.

Expandir um mecanismo, um conceito, uma palavra ou uma ideia é lembrar, por exemplo, que o amor tanto é de Hitler como da Madre Teresa, que Antígona é tão feminista quanto é egoísta e que o teatro tanto faz bem como faz mal. A liberdade não pertence apenas ao 25 de Abril, *cridas*, ela também é do Trump. E as sandálias e as togas carregavam o cheiro da falta de saneamento no tempo das tragédias.

E assim se complica o mundo e o pensamento, «samos» em vez de somos, respondendo a uma coisa que não existe, revelando a aparência do desaparecimento e retirando-lhe a finalidade, como quando se retira a pergunta à resposta. Para irritar. *More, more, more...*

Teatro Praga

Teatro Praga

O Teatro Praga assume-se como um grupo ou federação de artistas, com brasão e história. Como a cada espetáculo, ou dia, é outra coisa, costuma responder à pergunta sobre quem é com uma reformulação da pergunta. Ainda assim, o Teatro Praga regozija-se com a ordem estabelecida e olha para as variações imprevisíveis a que se sujeita como um modo de alargar o conceito de previsibilidade. O Teatro Praga nasceu em 1995 e está sediado na Rua das Gaivotas 6, em Lisboa. Colabora regularmente com algumas das mais prestigiadas estruturas culturais em Portugal e tem-se apresentado em festivais e teatros de diversos países, nomeadamente Itália, Reino Unido, Espanha, Alemanha, França, Bélgica, Hungria, Eslovénia, Estónia, Dinamarca, Polónia, Israel e China.

Cartão CCB

ccb.pt/cartao



**Entrada gratuita
MAC/CCB**

**Museu de Arte Contemporânea
e Centro de Arquitetura**

**30% desconto
Espetáculos CCB**

**Estacionamento
Gratuito**

**Em dias de espetáculo
ou em compras superiores a 20€**

**10% desconto
Lojas e Restaurantes CCB**



JÁ A SEGUIR

19 E 20 OUT

CLASSIFIED

ESTRUTURA

Festival Temps d'Images — Teatro

Este projeto parte de um elemento autobiográfico do criador do espetáculo, poucas vezes revelado, até mesmo secreto, que nos remete para a sua infância: o sonho de um dia vir a representar o papel de James Bond. Esse sonho, com o tempo, rapidamente se desvaneceu, mas o fascínio e a *geekiness* por aquela personagem manteve-se até aos dias de hoje, apesar de uma série de questões problemáticas que esta personagem levanta. É precisamente esta relação de tensão e culpa com este *guilty pleasure* que se pretende explorar neste espetáculo, partindo do imaginário iconográfico, visual e sonoro dos filmes para problematizar, questionar e refletir sobre este fascínio.

Sábado, 19h00

Domingo, 17h00

Pequeno Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

*dg*ARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



APOIO INSTITUCIONAL

PARCEIRO INSTITUCIONAL

PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025

APOIO MEDIA



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

